Preciosa: A experiência de um encontro através da narrativa

Elismar Alves dos Santos – IFITEG

Doutor em Teologia – FAJE – BH e Doutor em Psicologia Social – UFRGS (Instituto de Psicologia Social e Institucional).

E-mail: elismar01@yahoo.com.br

Fone: (62) 3533-53500

Cleusa da Piedade Guimarães

Mestre em Psicologia – PUCGO

E-mail: cleusa2803@yahoo.com.br

Fone: (62) 3511-2547

Rodrigo Perissinotto

Mestrando em Psicologia – PUCGO

E-mail: dperissinotto@gmail.com

Fone: (62) 3988-7437

Data de entrega: 23/08/2018

Data de aprovação: 12/06/2019

Resumo: O artigo apresenta uma breve reflexão sobre um encontro produtor de identificações simbólicas através da narrativa num contexto educacional, fundamentado no enredo do filme: “Preciosa: Uma História de Esperança”. A trama mostra a história da jovem Claireece “Preciosa” Jones que sofre as mais diversas formas de violações até ser convidada a frequentar uma escola alternativa, na qual vê a possibilidade de conseguir dar um novo rumo à sua vida. Pretende-se, assim, discutir alguns elementos deste filme, tais como: a identificação imaginária estabelecida pela personagem principal para conseguir suportar as angústias vividas e o conceito de experiência pautada na narrativa e na escrita, que se tornaram caminhos para Preciosa mudar sua história.

Palavras-chave: Preciosa – Escola – Narrativa – Psicanálise – Identificação simbólica.

Introdução

O presente artigo encontra-se dividido em quatro partes. A primeira descreve o significado de *identificação imaginária para a psicanálise* e a relação desse tema com o enredo do filme. A segunda parte, por sua vez, volta-se para a discussão do *refúgio e identificação imaginária* a partir das experiências negativas que Preciosa viveu em sua vida. Já a terceira parte discute o *processo de identificação simbólica* à luz do significado da professora na trajetória de Preciosa. Na última parte, após o percurso realizado, abre-se a discussão sobre o *dizer e o escrever como processo narrativo* como espaço de diálogo e de rememoração capaz de redimensionar a vida de Preciosa.

1. A identificação imaginária para a psicanálise

Ao nos debruçarmos sobre a temática da experiência do encontro no processo educativo, nos deparamos inicialmente com uma questão própria à condição humana, a tentativa de buscar um lugar de existência. No filme, “Preciosa: Uma História de Esperança”, encontramos no espaço da escola esse “lugar” que proporcionou à personagem principal fazer da sua situação uma experiência. Impulsionando-a a dar à sua vida um sentido mais profundo e preencher um “vazio” que a acompanhava. Uma expressão atual do vazio existencial verifica-se na preocupação do indivíduo em retirar de si a essência de todo conflito. “Em lugar das paixões, a calma, em lugar do desejo, a ausência do desejo, em lugar do sujeito o nada e em lugar da história, o fim da história” (ROUDINESCO, 2000, p. 41).

Nesta perspectiva, Preciosa se apresenta com um olhar perdido, uma voz marcante e um ar de quem não sabe o que está fazendo neste mundo. A atriz dá à sua personagem um incrível senso de alienação que mais tarde percebemos não ser exatamente um descaso diante da vida, mas sim um escudo, uma crosta criada pelas feridas das suas vivências. No filme a adolescente fala pouco, dificilmente se alegra, agride os colegas na escola e foge constantemente da realidade, transportando-se para um mundo imaginário. Nos momentos de imaginação, Preciosa se transmuta totalmente, buscando ser outra pessoa. A falta de expressão de seu dia-a-dia contrasta tanto com a satisfação e a felicidade em seus momentos imaginários que parecem duas personagens diferentes que surgem no enredo. Assim, ao se

imaginar rica, famosa e desejada, ela não está apenas tendo um ingênuo sonho juvenil, mas sim, fazendo o máximo que pode para suportar os momentos de sofrimento que vive. Preciosa, nestas cenas do filme, parece acreditar na possibilidade de um “objeto” que a preencha, tentando de alguma forma se realizar e encontrar a plenitude. Neste sentido, essas identificações se sustentam pelas imagens e pode ser chamada de identificação imaginária.

De acordo com Roudinesco (2000), a identificação é um termo empregado em psicanálise para designar o processo central pelo qual o sujeito se constitui e se transforma, assimilando ou se apropriando, em momentos-chave de sua evolução, dos aspectos, atributos ou traços dos seres humanos que o cercam. O conceito de identificação para a psicanálise difere do conceito utilizado na linguagem comum. Segundo Nasio (1995), o conceito de *identificação* que veicula da idéia recebida pelo termo se reduz a um esquema muito simples, composto por duas pessoas, A e B, ligadas por uma relação de identificação. O mesmo autor fala das concepções de identificação que utilizamos comumente, ou seja, identificação como ação de encontrar ou reconhecer alguma coisa.

O conceito psicanalítico de identificação aborda mais profundamente esses conceitos, pois o termo é analisado, como recorda Nasio (1999, p.34), “na forma reflexiva do verbo, isto é, identificar-se”. Na psicanálise, Freud e Lacan conceberam duas teorias distintas do termo, pois há diferentes concepções de identificação. A identificação para Freud, segundo Nasio (1995), se dá no espaço psíquico de um único e mesmo indivíduo, é diferente da ideia de que dois indivíduos, numa mesma relação de identificação, um transformando-se no outro e adotando seus traços. Em Freud, a identificação se dá num indivíduo apenas e no seu interior, como um processo específico no campo do inconsciente. A identificação tal como concebida pela psicanálise freudiana, é um processo de transformação efetuado no próprio seio do aparelho psíquico (NASIO, 1995). Assim, a identificação inconsciente é indiretamente perceptível.

O conceito de identificação, elaborado por Freud, pode ser definido como o “ processo psicológico pelo qual um indivíduo assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desta pessoa. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série

de identificações” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1985, p.226). Os autores supracitados esclarecem que este conceito foi adquirindo progressiva importância na obra de Freud, pois trata-se da operação pela qual o indivíduo se constitui. As identificações são processos inconscientes, o que torna difícil a sua abordagem, bem como o seu entrelaçamento ao processo identitário. Neste duplo processo identidade/identificação, a primeira pode ser entendida como um momento particular da identificação, que ocorre para preencher determinadas necessidades da pessoa na sua relação com o mundo (COUTINHO; KRAWULSKI & SOARES, 2007). Como afirma Nasio explicando Lacan: a identificação serve para designar o nascimento de uma nova instância psíquica, a produção de um novo sujeito. Para Lacan, ao contrário de um indivíduo produzir em si a presença do outro, é o outro que produzirá sua presença, isto é, “o agente da identificação é o objeto, e não mais o eu” (NASIO, 1995, p. 93).

Lacan, ao refletir acerca do processo de identificação, fala de um momento que ocorre com o ser humano no início de sua vida, a partir do estágio do espelho como processo de identificação. De acordo com Garcia-Roza (1998), Lacan criou uma metáfora para descrever a formação da identidade primária, da fragmentação do corpo à unidade: o estágio do espelho. Esse processo é o acontecimento onde o infante na idade de 6 a 18 meses de vida, se depara com sua imagem refletida no espelho. É a operação psíquica pela qual o ser humano se constitui numa identificação com seu semelhante.

A primeira identificação seria possível, conforme Garcia-Roza (1998), graças à imagem do bebê idealizada por seus pais, a qual propicia ao filho a visualização antecipada de um corpo unificado. Ele passa a ter a ilusão de ser aquilo que os pais gostariam que ele fosse: uma pessoa “inteira” com todas as qualidades e virtudes que eles lhe atribuem. A criança passa a ter um ego, forma um eu ideal – um ideal de onipotência forjado a partir do modelo do narcisismo infantil. O bebê é o seu próprio ideal. Esse ego idealizado será, porém, “sacudido” em seu narcisismo e em sua onipotência pelas proibições e frustrações (castração) com as quais irá se deparar; condição necessária para a entrada do sujeito na ordem simbólica. Instaura-se a falta e, assim, o ideal é projetado para o futuro. É essa renúncia à onipotência infantil e ao delírio de grandeza que possibilita o surgimento de um outro ideal: o ideal do eu. O ideal

do eu herda, portanto, o narcisismo perdido na infância e a marca da castração. O eu passa a se comparar e aspirar ao ideal do eu, cuja reivindicação ele se esforça por satisfazer (GARCIA-ROSA, 1998).

2. Refúgio e identificação imaginária

A falha no processo de identificação de Preciosa pode ser observado no filme a partir do seu contexto familiar. Violentada e explorada pelos pais, ela cresce sem receber amor ou qualquer forma de investimento afetivo favorável. A progenitora, um poço de ódio e amargura, é o grande tormento de Preciosa. Ela odeia a maneira da filha ser e ter esperanças através dos estudos e a trata como um “objeto” sem valor, sempre a acusando de ter lhe tirado o marido. Assim, busca motivos para massacrá-la, através da violência emocional e física. Segundo Lacan (1949), o estágio do espelho deve ser entendido como uma identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem.

De acordo com Castro, o estágio do espelho é definido em três fases em que ocorre a identificação, ela teria origem na prematuração do nascimento e no conseqüente estado de dependência do filho com relação à mãe:

Inicialmente não se reconhece e pensa estar diante de um ser real. Num segundo momento, a criança compreende que ali esta apenas uma imagem. Somente num terceiro tempo ocorre o reconhecimento da própria imagem como tal, no espelho. Esse reconhecimento é acompanhado de grande alegria, pois é a experiência inaugural de si como unidade [...]. O estágio do espelho é pré-formador do eu, sendo essa identificação originaria a base de todas as outras (CASTRO, 1992, p.48-49).

Nasio (1995, p.111) explica que para Lacan, a identificação designa o nascimento de um lugar novo, a emergência de uma nova instância psíquica. Conforme a natureza desse lugar, podemos distinguir duas categorias de identificação: a primeira está na origem do sujeito do inconsciente e a chamamos identificação simbólica; a segunda está na origem do eu e a chamamos identificação imaginária. E esse “refúgio” para a identificação imaginária é para onde Preciosa se dirige no filme quando é hostilizada pelos colegas ou vítima dos abusos dos pais. O imaginário, nessa acepção, caracteriza-se pela preponderância do semelhante e reporta-se à fase do espelho, na qual o ego da criança de poucos meses se constitui a partir da imagem do semelhante. A relação intersubjetiva, que aí se inicia, é uma

relação imaginária, em que o ego é um outro e o outro um alter ego (LAPLANCHE & PONTALIS, 1985). É próprio do imaginário reduzir o outro a si mesmo, o diferente ao idêntico, o estranho ao semelhante. O imaginário, neste sentido, se alimenta de sinônimos e analogias.

O simbólico, ao contrário, diz respeito à agregação de significantes, segundo a qual cada significante adquire essa função enquanto se insere, como elemento, numa ordem que lhe é exterior, de tal forma que, embora como elemento possa permanecer o mesmo, torna-se um significante outro quando inserido em outra cadeia. Nessa acepção, o simbólico transita pela alteridade, pela diferença e pela metáfora e produz um sentido novo (LAPLANCHE & PONTALIS, 1985). Desta forma, a partir de uma leitura psicanalítica as identificações podem se dar no campo simbólico e no imaginário. Sendo que o simbólico tem a ver com a linguagem, é marcado pela falta e é de ordem inconsciente. Por isso, tudo o que “beira” a completude é da ordem do imaginário, pois o imaginário não é atravessado pela falta.

Passando de série em série sem saber ler e escrever, Preciosa senta no fundo da sala de aula completamente calada. Aproveita o tempo para viajar por um mundo em que é branca, magra, loira de cabelos lisos. Quando não é isso, imagina ser uma estrela passeando por festas e eventos badalados com o namorado de pele clara. Segundo Lacan (1998) o imaginário caracteriza-se fundamentalmente por tomar a imagem uma representação do objeto. É como se a imagem ganhasse um corpo e se constituísse para se contrapor ao próprio objeto. Lacan assinala que o imaginário é a fonte de alienação do sujeito. É onde ele se paralisa através da visualização da imagem especular. Desta maneira, Lacan (1998) explica a constituição subjetiva como uma estrutura dinâmica organizada em três registros. Assim, utiliza os conceitos de *real*, *imaginário* e *simbólico* para descrever os modos da constituição do sujeito. Sendo que o *registro do real* é aquilo que não se pode expressar pela linguagem, o que não se pode dizer, não se pode representar. Observa-se que para Lacan (1998), a alienação na imagem, que é o fundamento do eu, se substitui pela alienação na linguagem, isto é, a alienação estrutural onde o significante apossa-se do lugar do eu e produz o sujeito através de um deslizamento contínuo. Assim, o sujeito lacaniano vai se pontuando através do movimento da linguagem que forma a cadeia significante que é o próprio

inconsciente. Portanto, em Lacan a gênese do psiquismo humano tem relação com uma estrutura relacional que antecede ao próprio sujeito e que constitui a linguagem.

Preciosa, era uma adolescente calada em casa, na rua e na escola. Sofria humilhações, violência sexual, violência física, sempre calada. Seu filho lhe foi tirado, foi estuprada várias vezes pelo próprio pai, era continuamente agredida física e emocionalmente pela mãe, mas se mantinha calada. Preciosa, simplesmente, não conseguia falar ou interagir de maneira saudável. Seu silêncio era considerado por todos, inclusive, por aqueles que dela abusavam a prova de sua debilidade. Entretanto, Lemaire (1988) ensina que é na relação e no ato, através de movimentos pontuais e compartilhados que o indivíduo, no mundo atual, poderá constituir suas identificações e, nelas, sua singularidade sendo capaz de, a cada nova situação, inventar novas maneiras de agir e assim produzir-se a si próprio. É através da formação de laços e na manifestação de ações menos competitivas e mais cooperativas que, por um processo de movimento contínuo, o novo sujeito poderá emergir e encontrar seu lugar. Sujeito da experiência, da participação e da interação, única possibilidade do indivíduo, hoje, se sentir existente e ser ainda capaz de acreditar e de celebrar a vida.

O que há por trás do imaginário é o desejo do outro. O desejo do outro estrutura a matriz simbólica do imaginário que forma todo o conjunto de imagens do sujeito. Nesta perspectiva, podemos pensar que na constituição do sujeito, o corpo, o espaço psíquico materno, a presença do outro e dos outros são peças fundamentais. E é nesse sentido que Preciosa captura os significantes dados pela família acerca de si. E é na superposição desses lugares que o sujeito irá se constituir através dos meandros de suas identificações, encontrando, muitas vezes nesta travessia, vazios os suportes de sua sustentação. Ao invés de adquirir consistência, este andarilho na procura de si próprio, irá se defrontar, inúmeras vezes, com uma angústia perturbadora ou com uma inquietante estranheza (LAJONQUIÈRE, 1999).

Lacan (1998) assinala que exatamente porque o sujeito não tem identidade é que ele pode identificar-se e assumir as identificações. Freud (1976 a), em seu ensaio intitulado "Algumas reflexões sobre a psicologia escolar", fala sobre o momento em que a criança começa a descobrir que seu

pai não é o mais poderoso, sábio e rico dos seres. Ao vislumbrar o mundo exterior, descobertas são feitas e mudam sua opinião sobre o pai. Durante seu desenvolvimento o ser humano passará por diversas substituições à figura do pai. Esta substituição ocorre, por exemplo, quando a criança começa a estudar. Ela vê o (a) professor (a) como o (a) substituto (a) desta imagem do pai onisciente, do detentor do conhecimento.

3. O processo de identificação simbólica

No filme, Preciosa recebe o carinho e o apoio de uma professora. Trata-se de alguém interessante e diferente das outras pessoas com as quais convivia. A partir daí a adolescente consegue iniciar um processo de identificação simbólica, sendo a oportunidade para sair da inércia e aos poucos recuperar sua dignidade. Para Lacan (1998), é através do desejo do outro que se tece o universo do sujeito, o mundo, a cena fantasmática de onde tudo vai se estruturar. O outro, no sentido lacaniano, refere-se a uma posição simbólica; uma posição originária onde o sujeito foi visto, percebido, amado, desejado ou não visto, não percebido, não amado, não desejado. Em suma, o outro revela uma posição simbólica de onde o sujeito se escuta e se vê.

Neste sentido, na instituição para alunos em risco social, pouco a pouco, Preciosa vai aceitando a ajuda da professora e por meio da escrita e da fala consegue conquistar mais que a alfabetização, mas uma ferramenta capaz de (re)construir sua identidade. Portanto, ao conseguir escrever a sua própria história e narrá-la, Preciosa começa a acreditar em si e vê que é muito mais do que aquilo que sua mãe a faz acreditar que ela é. Maurizio Gnerre (1991) diz que, a linguagem escrita é para nós um modo de nos referirmos ao que conhecemos do mundo, ao como conhecemos o mundo, ao para que conhecemos o mundo, ao mesmo tempo em que somos, dialeticamente, produtos desse processo de conhecimento. Por isso mesmo, ela não é neutra ou amorfa.

O ato de escrever supõe ocupar um lugar no mundo, nas relações, modificando-as inclusive. Assim, escrever é mais que transcrever:

Na escrita, o que está demasiado presente na palavra e demasiado ausente da transcrição, o corpo regressa, mas segundo uma via indireta, medida, em suma justa, musical, através da fruição e não através do imaginário (da imagem). É, no

fundo, esta viagem do corpo (do sujeito) através da linguagem, que as nossas três práticas (fala, escrito, escritas) modulam, cada uma à sua maneira: viagem difícil, retorcida, variada (BARTHES, 1982, p. 12).

A linguagem, seja ela oral, escrita ou visual, constitui-se no único sistema capaz de expressar as intenções de seu usuário e só é possível sua constituição através da interação. Na escola, Preciosa encontra um meio de refugiar-se de sua existência traumática e lá “falou” pela primeira vez. Foi difícil dizer em uma pequena sala de aula, seu nome, de onde vinha e do que mais gostava de fazer. Porém, Preciosa foi capaz de romper com essa dificuldade. Com isso mostra que o *dizer* e o *escrever* são processos narrativos capazes de proporcionar o crescimento do ser humano.

4. O dizer e o escrever como processo narrativo

Os ensaios do filósofo Walter Benjamin, apontam à centralidade da narrativa como espaço de diálogo e de rememoração e dimensiona seu papel na constituição do ser humano. Assim, estabelece a distinção entre vivência e experiência: na vivência, a ação se esgota no momento de sua realização; na experiência, a ação é contada a um outro, compartilhada, tornando-se infinita. Esse caráter histórico, de permanência, de ir além do tempo vivido, tornando-se coletiva, constitui a experiência. É a narrativa, a palavra que faz uma situação tornar-se uma experiência. Sendo assim, a linguagem torna-se um dos principais elementos do processo educativo. A personagem de Preciosa recebe o incentivo da professora para escrever e narrar a sua história e, neste contexto, faz a experiência de ir além da busca do conhecimento cognitivo, através da possibilidade de contar e recontar consegue chegar ao processo curativo da desalienação.

Benjamin (1994), faz a denúncia da perda da capacidade de narrar em consequência do definhamento da experiência do homem moderno. Diagnostica a “pobreza da experiência” da época moderna, onde o homem contemporâneo do pós-guerra foi expropriado da capacidade de narrar aquilo que lhe aconteceu. Essa expropriação, no entanto, não está apenas na incapacidade de narrar, mas na incapacidade de experienciar sua relação com o mundo.

Não é mais necessária uma catástrofe como a guerra para que haja a destruição da experiência. Só pela pacífica existência cotidiana em uma cidade grande, a influência da indústria cultural

ou a banalidade do cotidiano, já é suficiente, pois o dia-a-dia do homem contemporâneo não contém quase nada que seja traduzível em experiência (AGAMBEN, 2005, p. 21).

O tema também aparece em “*O Narrador*”, em que Benjamin (2012) demonstra o aniquilamento de uma experiência outrora sinônimo de sabedoria e autoridade, consolidada por meio de sua transmissão de geração em geração, própria de uma organização coletiva, comunitária, ritualística e artesanal. As formas narrativas correspondentes são sintomáticas deste processo de esfacelamento da experiência: a narração – que vigorava no solo de um tempo onde ainda tinha-se tempo para contar e ouvir histórias – fora substituída pelo romance, caracterizador dos indivíduos isolados e solitários, e este, por sua vez, substituído pela informação jornalística, forma narrativa fragmentada e desconexa (BENJAMIN, 1994).

Deste modo, problematiza-se a constatação da degradação da experiência na modernidade. Discute-se a possibilidade da realização da experiência, bem como o resgate de seu aniquilamento provocado pelas idiossincrasias da contemporaneidade e, ainda, quais espaços propiciariam este possível resgate. Não damos sentido ao que nos rodeia e banalizamos as coisas cotidianas, os eventos e a própria vida. O homem moderno, “volta para casa à noite extenuado por uma mixórdia de eventos, entretanto, nenhum deles se tornou experiência” (AGAMBEN, 2005, p. 22), ou como já denunciado por Benjamin, estamos vivendo uma nova barbárie: a da não experiência. Apesar de ser parte do evento não o experencia, não se dá significado a ele, tornando-o assim, impossível de ser narrado, e como Benjamin postula, pode-se supor que isso “talvez seja fruto da desilusão com a nossa própria época” (BENJAMIN, 1986, p. 196). Desse modo, a relação das pessoas com o mundo não se dá mais pela experiência e pela narração, como autoridade de quem experienciou algo, mas pelo inexperienciável, no movimento de silenciamento da experiência. Assim, a autoridade está no conhecimento adquirido por meio da instrução ou do reconhecimento dos saberes produzidos fora do sujeito e da sua experiência (BENJAMIN, 1994).

Agamben (2005) defende que a experiência é apresentada como a própria infância do homem. A diferença entre os animais e o homem reside exatamente no fato de que ele é o único animal que precisa aprender a falar e tem uma infância que introduz a diferença entre língua e discurso. Enquanto humanos, estamos sempre aprendendo a falar, pois nunca adquirimos a fala em definitivo, “nunca acaba nossa experiência (infância) da e na linguagem” (KOHAN, 2003, p. 244). A linguagem é o lugar onde a experiência deve tornar-se verdade, à medida que dá significado ao

conhecimento produzido e adquirido e, portanto, se perdemos a capacidade de narrar, de contar a nossa história, é porque não temos mais infância. Para Gagnebin (2009), Benjamin não alimenta o pessimismo ou a desesperança, mas esboça a ideia de uma outra narração, uma narração nas ruínas da narrativa, uma transmissão entre os cacos de uma tradição em migalhas. O narrador também seria a figura do trapeiro e do catador de sucata e de lixo.

Kramer (2000) apresenta algumas reflexões sobre o que significa entender a leitura e a escrita como experiência. Observa que no contexto atual lê-se muito, mas de modo disperso. Se escreve muito, sobretudo com o uso de avanços tecnológicos que possibilita que um maior número de pessoas produzam e consumam textos. Mas a autora questiona se tem sido a prática da leitura e da escrita, de fato, uma experiência. Essa mesma autora destaca que levar algo da escrita para além do seu tempo significa compreender a importância da escrita como experiência. Caracterizando-se nas situações em que assume caráter de narrativa construída coletivamente, seja ela uma escrita que registra ações de pessoas ou grupos, seja uma autobiografia, diário, relato ou história de vida. Nesta perspectiva, escrever significa sempre (re)escrever, interferir no processo, deixar-se marcar pelos traços do vivido e da escrita. (Re)escrever textos e histórias; ser leitor de textos escritos e da própria história pessoal e coletiva, marcando-a, mudando-a, inscrevendo nela novos sentidos.

Deste modo, Konder destaca que a leitura e a escrita podem ser bem trabalhadas e estimuladas na escola, vivenciadas como experiência, como possibilidades de criação e emancipação. Assim escreve: “a linguagem é possibilidade para criar, expressar, sonhar, libertar” (KONDER, 1988, p. 22). Nesta perspectiva, a escrita, a leitura e a fala são atos fundamentais no filme. Eles têm a força da mudança, que parece impossível frente à violência que compõe a história de Preciosa. Para Garcez (1998), o que ocorre é a busca da realização do pensamento individual no outro e este não é, então, um ouvinte passivo, mas participante ativo no processo de comunicação. Constatamos, assim, que todo enunciado, seja ele escrito ou oral, quando realizado, busca uma resposta do outro. Portanto, faz-se necessário que a escrita na escola seja realizada de modo a envolver o aluno em um contexto que o aproxime da realidade e desperte nele a motivação para a escrita. Essa questão é evidenciada no filme, quando Preciosa, a pedido da professora, começa a

escrever e contar a sua própria história, dando sentido à sua maneira, ao seu contexto de vida.

Partindo desta perspectiva o filme, “Preciosa”, mostra o renascimento de uma vida que dá início ao se ver importante quando começa a fazer um processo que perpassa o comunicável. O caminho trilhado por Preciosa é triste e embora não pareça haver uma possível solução, conforme se interage com a professora sente-se valorizada e ganha coragem para desvincular-se da mãe, assumir os seus filhos e se projetar para o futuro. Sabe-se que atualmente há sinais que atingem os processos culturais de uma forma geral: como, por exemplo, a falência da transmissão na relação professor-aluno. Poderíamos pensar que, na verdade, estes processos não são novos, em “o Prefácio à juventude desorientada”, Freud se refere a três profissões consideradas para ele como impossíveis: governar, educar e curar. Essas profissões representam na teoria psicanalítica freudiana, diferentes maneiras de tentar contornar o impossível (FREUD, 1976 b). Lacan, através de sua obra, nos apresenta uma outra resposta para as falhas de transmissão atuais no que se refere ao ato de educar. A teoria da transferência de Lacan tem seu suporte teórico na diferença entre o imaginário e o simbólico. "Na medida em que a transferência é sempre um fenômeno imaginário, o que tem que fazer é quebrá-lo, transformar a relação imaginária em simbólica" (ETCHEGOYEN, 1987, p. 78).

Considerações finais

Percebe-se no filme que Preciosa consegue estabelecer com sua professora um encontro produtor de identificações simbólicas, que a ajuda reagir e fazer da sua situação uma experiência. Começando por acreditar que tinha habilidade para a aprendizagem de matemática, assim poderia também, escrever, narrar, sonhar e conquistar outro estilo de vida. Diante do enredo deste filme, é possível pensar, em identidades como identificações em curso, ou seja, em novos processos identificatórios se desenvolvendo, a partir dos processos de marcas que podem levar ou não o sujeito à realização da experiência.

Portanto, nota-se esse aspecto em Preciosa quando ela passa do recalque de suas situações sofridas, isto é, do esquecimento daquilo que é vivido para o encontro com o outro e, a partir daí, para um processo de

realização da experiência da sua própria condição de existência. Desta forma, no lugar do encontro, potencializado pelas expressões da sua linguagem, a personagem cresce e ganha autoestima, e assim consegue viver uma história de emancipação.

Referências

- AGAMBEM, G. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In: *Benjamin, W. Documentos de Cultura, Documentos de Barbárie*. Trad. Celeste H. M. Ribeiro de Souza. São Paulo: Cultrix, 1986.
- BENJAMIM, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura/Walter Benjamin*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENJAMIM, W. O narrador. In: *Obras escolhidas I*. São Paulo: Brasillense, 2012, p. 213-240.
- BARTHES, R. *O grão da voz*. Portugal – Porto: Edições 70, 1982.
- CASTRO, E. M. *Psicanálise e linguagem: série princípios*. São Paulo: Ática, 1992.
- COUTINHO, M. C; KRAWULSKI, E. & SOARES, D. L. P. Identidade e trabalho na Contemporaneidade: repensando articulações possíveis. *Psicologia & Sociedade*. v. 19. Porto Alegre, 2007.
- ETCHEGOYEN, R. H. *Fundamentos da técnica psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- FREUD, S. *Prefácio a juventude desorientada de Aichhorn*. Edição standard brasileira da obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- FREUD, S. *Sobre a psicologia escolar*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. XIII). Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- GARCIA-ROSA, L. A. *Introdução à metapsicologia freudiana 3 – os artigos metapsicológicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- GAGNEBIN, J.M. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- GARCEZ, L. H. C. *A escrita e o outro: os modos de participação na construção do texto*. Brasília: UnB, 1998.
- GNERRE, M. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- KOHAN, W. O. Da minoridade à maioria: filosofia, experiência e afirmação da infância. In: Kohan, W. O. *Infância: entre educação e filosofia*. Belo Horizonte:

Autêntica, 2003.

KRAMER, S. *Presença pedagógica*. Vol. 6 n. 31. Rio de Janeiro: PUC, 2000. jan./fev.

KONDER, L. *Walter Benjamin: o marxismo da melancolia*. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

LAJONQUIÈRE, L. *Infância e ilusão (Psico) Pedagógica: escritos de psicanálise e educação*. Petrópolis: Vozes, 1999.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu. *In: Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu. *In: XVI Congresso Internacional de Psicanálise*, p. 96-103, Zurique, 1949.

LEMAIRE, A. *Jacques Lacan: uma introdução*. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J. B. *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

NASIO, J. D. *Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise*. Rio de Janeiro: JZE, 1995.

NASIO, J. *O prazer de ler Freud*. Rio de Janeiro: JZE, 1999.

ROUDINESCO, E. *Por que a psicanálise?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

Precious – The experience of an encounter by means of the narrative

Abstract: This paper focuses its attention on the plot of the movie “Preciosa: Uma História de Esperança.” Our discussion takes into account the encounter which produces symbolic identifications by means of the narrative in an educational context. The plot explores the story of the young woman called Claireece “Preciosa” Jones, who was victim of different forms of abuse and invited to attend an alternative school that represented a golden opportunity for Preciosa to change her life. This paper aims at discussing some aspects of the movie, such as (1) imaginary identification that was established by the main character with the objective of resisting anguish; and (2) the concept of experience based on narrative and on writing, which became ways for Preciosa to change her history.

Keywords: Precious – School – Narrative – Psychoanalysis – Symbolic identification